

**Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM**

**Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento
Albuquerque ou o MME:**

Sumário

VEÍCULO: Folha de S. Paulo	1
Título: Bolsonaro diz que não contraiu vírus, mas terá protocolo de segurança.....	1
VEÍCULO: O Globo.....	5
Título: Bolsonaro diz que exame deu negativo para coronavírus	5
Título: Dificil proteção da economia	6

VEÍCULO: Folha de S. Paulo
Data: 14/03/2020
Seção: Poder
Autor: Gustavo Uribe e Ricardo Delia Coletta
Título: Bolsonaro diz que não contraiu vírus, mas terá protocolo de segurança

Por precaução, presidente repetirá exames duas vezes, em 7 e 14 dias, seguindo
s diretriz aplicada aos brasileiros que voltaram de Wuhan

Brasília- O presidente Jair Bolsonaro informou nesta sexta-feira (13) que o exame da contraprova realizado por ele no dia anterior mostrou que ele não foi contaminado pelo coronavírus durante viagem aos EUA.

Como medida de precaução, no entanto, ele começou a seguir protocolo de segurança orientado pela equipe médica da Presidência para evitar o risco de contágio.

A expectativa é que Bolsonaro faça dois novos exames — o primeiro em 7 dias, o segundo em 14 — seguindo parte do protocolo da Operação Regresso (que trouxe 34 brasileiros que estavam em Wuhan, na China). Esse é o período de incubação do vírus.

Antes do resultado definitivo, o presidente demonstrou preocupação em estar contaminado. Ele voltou da viagem com um leve resfriado, segundo relatos de aliados, mas não apresentou demais sintomas como tosse e febre.

Na quinta, ao receber telefonemas de deputados, ele os orientou a não visitá-lo por receio de estar doente. Ao longo do dia, inclusive durante a live semanal, usou máscara cirúrgica, também adotada por assessores e seguranças.

O anúncio de que não contraiu a doença foi feito pelo presidente em suas redes sociais. Ele fez o teste após a confirmação de que o chefe da Secom da Presidência, Fabio Wajngarten, 44, contraiu o coronavírus.

Os dois viajaram juntos aos EUA de sábado (7) a terça-feira (10) e estiveram reunidos com o presidente Donald Trump.

Segundo assessores palacianos, durante viagens presidenciais o celular do presidente costuma ficar com o secretário, o que aumentou o receio de contaminação.

Além de Wajngarten, a advogada Karina Kufa, que presta serviços para o presidente, também foi diagnosticada com coronavírus. Ela acompanhou a comitiva aos EUA.

Karina trabalha na criação do novo partido do presidente, a Aliança pelo Brasil. Ela é a tesoureira da legenda.

Procurada pela reportagem com questionamentos sobre as próximas etapas de monitoramento de Bolsonaro, a Secom não quis comentar.

Já foram divulgadas as agendas dos próximos dias, e não há compromissos previstos para este fim de semana nem na segunda-feira (16).

Na terça-feira passada, em Miami, Bolsonaro chegou a chamar os impactos do coronavírus de “mais fantasia”.

Ao saber da contaminação de Wajngarten, a Casa Branca afirmou que Trump e o vice-presidente Mike Pence não seriam testados. “Deixa eu colocar da seguinte maneira: não estou preocupado”, afirmou Trump a jornalistas.

O exame para coronavírus foi realizado por outros integrantes da comitiva presidencial: os ministros Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Fernando Azevedo (Defesa), **Bento Albuquerque (Minas e Energia)** e Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional), além da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, e o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP).

“Todo mundo deu negativo. Todo mundo. O presidente está ótimo, feliz e animado”, afirmou o ministro da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos, em entrevista à Folha.

O ministro disse que o Palácio do Planalto discute a edição de uma MP (medida provisória) para garantir ao menos R\$ 5 bilhões para o combate ao avanço do coronavírus.

A iniciativa já tem sido elaborada pela Subchefia para Assuntos Jurídicos. E a expectativa é de que seja publicada na próxima semana.

A medida, de caráter orçamentário emergencial, atende demanda do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta.

Em audiência no Congresso, o ministro solicitou aos deputados e senadores que destinassem os recursos para o combate à pandemia por meio das emendas de relator.

Ramos afirmou que o governo está em fase de tratativas para uma iniciativa de socorro às empresas aéreas, duramente afetadas pela pandemia de coronavírus.

Uma das ideias em análise é a edição de um pacote que inclua desoneração temporária da folha de pagamento.

“Está tudo normal. O presidente vai trabalhar normal. Normal como o Carnaval. Está tudo bem”, disse o ministro.

Apesar da declaração de Ramos, o presidente recebeu a recomendação de não correr riscos de contágio.

Nesta sexta, por exemplo, ele manteve distância segura de um grupo de eleitores que o esperavam na frente do Palácio da Alvorada.

“Apesar do meu teste ter dado negativo, não vou apertar amão de vocês”, disse. “Nunca tinha visto ali qualquer problema, se bem que para a imprensa que está ouvindo ali, se eu estivesse com o vírus ou não estivesse, não estaria sentindo nada”, acrescentou.

Bolsonaro costuma cumprimentar os apoiadores e fazer selfies com eles.

A partir de agora, o acesso de pessoas ao Planalto deve também ser mais restrito; eventos e solenidades devem ser suspensos.

Bolsonaro foi aconselhado ainda a evitar aglomeração até pelo menos o mês de maio.

Depois de minimizar impactos do vírus dias atrás, Bolsonaro usou máscara na live que fez na quinta e sugeriu a seus apoiadores a suspensão dos atos marcados para domingo (15) com pauta em defesa do governo e de ataques ao Congresso e Judiciário.

“Tem um aspecto que precisa ser levado em conta. Existe [a manifestação], é mais um agrupamento de pessoas. Então a população está um tanto quanto dividida”, disse.

A partir de agora, os auxiliares presidenciais que estão no exterior devem cumprir um período de quarentena preventiva depois de retornarem de suas agendas.

É o caso dos ministros Marcelo Álvaro Antônio (Turismo) e Ricardo Salles (Meio Ambiente), que estão em Portugal e nos EUA, respectivamente.

Na quinta, após a live em redes sociais, Bolsonaro fez um pronunciamento em rede nacional e disse que os atos do dia 15 eram “espontâneos e legítimos”, “atendem aos interesses da nação” e “demonstram o amadurecimento da nossa democracia presidencialista”. “Precisam, no entanto, diante dos fatos recentes, ser repensados”, afirmou.

QUEM ESTAVA NA COMITIVA E FEZ TESTES

Os ministros Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Fernando Azevedo (Defesa), Bento Albuquerque (Minas e Energia) e Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional), a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, e o deputado federal Eduardo Bolsonaro

VEÍCULO: O Globo**Data: 14/03/2020****Seção: Especial****Autor: BRUNO GOES, GUSTAVO MAIA E NAIRA TRINDADE****Título: Bolsonaro diz que exame deu negativo para coronavírus**

Presidente, em sua rede social, deu uma banana ao informar que o teste descartou a contaminação

O presidente Jair Bolsonaro informou ontem que deu negativo o exame feito para verificar se havia contraído o novo coronavírus. O anúncio foi feito por ele mesmo em sua rede social. O presidente se submeteu ao teste depois que foi confirmada a contaminação pelo vírus do secretário de Comunicação da Presidência da República, Fabio Wajngarten. O secretário participou da comitiva da viagem presidencial aos Estados Unidos e esteve em jantar no sábado com Bolsonaro e Donald Trump. Pouco após publicar no Facebook, o presidente repetiu a postagem no Twitter, desta vez a foto de outro momento em que deu uma "banana" para jornalistas.

Dois minutos após a manifestação do marido, a Primeira-dama Michelle Bolsonaro comemorou o resultado dos exames no Instagram. "Boa tarde! Resultado negativo para família/funcionários para o coronavírus. Obrigada pelas orações", afirmou Michelle na rede social. Por volta das 13h, Eduardo Bolsonaro também anunciou que seu teste dera negativo. Ele ainda negou que tenha falado com "alguém da imprensa" que os testes do pai tenham dado positivo, como informou a Fox News. "Até porque essa informação jamais chegou para mim", escreveu. A reportagem da emissora americana chegou a apontar ele falou diretamente à Fox News. Um dos autores do texto, John Roberts, reiterou no Twitter que Eduardo disse ao veículo que o resultado havia sido positivo e depois mudou a versão.

Em entrevista à emissora, minutos depois do resultado negativo, Eduardo negou que tivesse dado a informação e reiterou que o pai está bem e sem sintomas. Mais tarde, a emissora informou que um intermediário do deputado havia dado a informação. — Não tenho essa informação — respondeu o deputado. Apesar do resultado negativo, o presidente ainda passará por novos exames para verificar se não contraiu coronavírus. O protocolo da Operação Regresso, do Ministério da Saúde, prevê que Bolsonaro passe por um novo exame dentro de sete dias e faça uma terceira verificação em 14 dias. Nesse período, ele deve ficar em isolamento. Após esse procedimento, Bolsonaro está "liberado".

Ontem passou parte do dia com máscara. O protocolo faz parte do protocolo responsável por repatriar 34 brasileiros de Wuhan, na China. Na ocasião, apesar

dos exames terem resultado negativos, os pacientes tiveram que repeti-lo por três vezes. Segundo o Ministério da Saúde, Bolsonaro passará pelo mesmo procedimento da Operação. Os outros integrantes da comitiva que tiveram exames testados negativos para coronavírus também devem passar por novos exames. Apesar de o Ministério da Saúde adotar esse procedimento para a equipe do entorno presidencial, a pasta não tem repetido exame de pacientes que testaram negativos e não apresentam sintomas.

Depois do resultado, Bolsonaro voltou a despachar no Palácio do Planalto. Lá, evitou abraçar os servidores e os cumprimentou com o cotovelo. Ele os contou que estava se sentindo bem. Assim como o secretário Wajngarten, Michele e Eduardo Bolsonaro, integravam a comitiva para os EUA acompanhados de quatro ministros: Ernesto Araújo, das Relações Exteriores; Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional; Fernando Azevedo e Silva, da Defesa e **Bento Albuquerque, de Minas e Energia**. Na manhã de ontem, na portaria do Alvorada, o presidente chegou a falar com apoiadores, mas, por segurança, manteve uma distância de pouco mais de três metros.

Depois de ser aplaudido pelos apoiadores, ele disse: — Apesar de o meu teste ter dado negativo, eu não vou apertar a mão de vocês. Nunca tinha visto ali qualquer problema. Se bem que, para a imprensa, que tá ouvindo ali, se eu tivesse com o vírus ou não tivesse, não estaria sentindo nada — disse Bolsonaro. Se dirigindo apenas aos apoiadores, ele acrescentou ainda que tem “grandes desafios pela frente” e “muitos problemas para serem resolvidos”.

Ministros que participaram de reunião para tratar de ações de enfrentamento ao novo coronavírus defenderam a possibilidade de fechar a fronteira do Brasil com a Venezuela para conter o avanço da doença na região. A decisão final não foi tomada até o momento e depende do aval do presidente, que não participou do encontro no Planalto.

VEÍCULO: O Globo

Data: 14/03/2020

Seção: Colunas

Autor: Míriam Leitão

Título: Difícil proteção da economia

A arrecadação vai cair porque a atividade econômica está se enfraquecendo, a privatização da Eletrobras pode não acontecer — ou por não ser aprovada pelo Congresso, ou pela volatilidade dos preços das ações — os royalties de petróleo serão menores do que o previsto. O crescimento será mais baixo ainda do que a nova previsão feita pela equipe econômica. O déficit vai aumentar. É improvável que o governo consiga cortar despesas na mesma dimensão da perda de

receitas. Por isso o déficit vai subir. A dúvida é sobre a dimensão do pacote de estímulo econômico para mitigar os efeitos do coronavírus.

O Ministério da Economia ainda não concluiu as projeções da redução da receita com a queda da expectativa de crescimento que fez esta semana. Reduziu de 2,3% para 2,1%. Terá que diminuir mais. A cada revisão precisará cortar a receita prevista e fazer o contingenciamento da despesa. Uma coisa se sabe nesta altura da pandemia: não poderá cortar em saúde, a maior despesa do orçamento. Pelo contrário, terá que elevar. As convicções fiscalistas da atual equipe econômica serão testadas.

Esta semana marca o momento importante em que a equipe econômica sai da negação. Até agora, a resposta do ministro Paulo Guedes era que enfrentaria a crise com as reformas que estão no Congresso e as que não consegue tirar da mesa do presidente. A administrativa foi esvaziada, e a tributária é muito tímida. Se as propostas fossem boas e amplas, elas produziram avanços estruturais, mas o governo precisa ter medidas emergenciais para o atual momento de incerteza e eventuais inesperados. Portanto, aprovar reformas pode ser bom, mas não resolve problemas agudos.

Esses dias em que a bolsa teve quedas abissais e recuperações dramáticas levaram a crise da saúde para dentro da economia. Mesmo um governante irresponsável como o presidente Donald Trump, que negava a gravidade do problema até outro dia, estava ontem decretando emergência nacional. No Brasil, em que o presidente Jair Bolsonaro compartilha tanto com Trump, houve também a compreensão de que era preciso partir para algum tipo de programa de emergência para atenuar os efeitos econômicos da pandemia.

As primeiras medidas anunciadas foram poucas, mas boas. Suspender a prova de vida, evitando que o aposentado ou a pensionista tenha que ir a um local cheio de gente é sensato. É impressionante que isso não tivesse sido pensado antes. A segunda decisão, de antecipar o pagamento de metade do 13º, não eleva gastos e coloca já R\$ 23 bilhões na economia. Há outras ideias sendo ventiladas, nem todas elas boas: estimular o endividamento através do consignado, inventar novos truques com o FGTS, a Caixa oferecer mais dinheiro para empréstimos.

A mais importante medida foi a mudança de atitude, da negação de que algo além das “reformas” precisasse ser feito à criação de um grupo que ficará dedicado no Ministério da Economia apensar no assunto.

Alguns setores podem sucumbir, o mais vulnerável talvez seja a área da cultura. De um lado, os produtores culturais e artistas já enfrentavam um governo hostil e estatais que fazem escolhas ideológicas no patrocínio. De outro, passarão a

viver a fuga do público e, em alguns casos, a proibição, como São Paulo e Rio de Janeiro, da abertura de cinemas e teatros por 15 dias.

Em momentos de emergência, em que a conjuntura muda completamente, a equipe econômica tem que mudar a abordagem, preservando o essencial da política econômica. Isso é que não se soube fazer na crise de 2008. No primeiro momento, o Banco Central agiu com precisão cirúrgica, garantindo liquidez. O BNDES ajudou a financiar fusões de empresas que sozinhas não sobreviveriam. O erro veio depois, quando não se soube o momento de parar as desonerações setoriais, que acabaram virando moeda de troca na eleição de 2010.

Em 2008, o país estava com superávit primário de 3,85% e dívida de 55% do PIB. Hoje o déficit é de 0,72% e a dívida, 76%. Os erros de depois da crise é que pioraram as contas públicas. Não há espaço fiscal, já que o país tem déficit, mas os avanços recentes com a reforma da Previdência e a queda dos juros reduziram a pressão de duas grandes despesas. Nesse caminho estreito o governo terá que encontrar respostas para evitar que a economia piore muito e ter recursos para proteger a vida dos brasileiros.

MME / ASCOM .